

*Entrevista com HPP Saúde*

*Com quality media press para LA VANGUARDIA*

*Luis de Vasconcelos*

*Administrador*

*Quality Media Press - No inicio do projecto em 1998 quais os objectivos da empresa?*

R. - Na origem justificou-se porque o grupo Caixa entendeu não fazer o tratamento dos sinistrados, doentes das seguradoras em locais próprios e que deveriam ter hospitais de referencia no mercado da prestação da qualidade de serviços. Iniciou-se um processo que era para ter hospitais no Porto e em Lisboa com alguma dimensão e diferenciação que tivessem virados para o mercado em geral e que também tratassem os doentes da seguradora. Arrancamos no Porto inicialmente, passamos para Lisboa e agora vamos também estender esta operação para o Algarve.

*Q. - Qual o volume de negocio desta operação?*

R. - O valor anda a volta dos 50 milhões de euros.

*Q. - Os objectivos iniciais já foram atingidos?*

R. - Os objectivos iniciais de volume sim, mas não de concretização de projectos. Houve um atraso na construção do novo hospital do Porto e em Lisboa só porque não foi possíveis as licenças de construção atempadamente, por este motivo houve um atraso de cerca de 2 a 3 anos. Tentamos contrabalançar isso no Porto aumentando o que foi possível nas instalações e em Lisboa utilizamos um edifício hospitalar antigo que alugamos e arrancamos com uma parte da produção.

*Q. - Quando vai estar concluída o novo hospital em Lisboa?*

R. - Durante o próximo ano vai estar concluído.

*Q. - O sector hospitalar esta em mudança. Como esta a "viver" este sector?*

R. - O sector está em alterações grandes. Nós passamos de um regime que era praticamente todo publica para uma parte privada com uma representação cada vez maior. Esta representação é maior, não só porque a área de seguros e saúde tem vindo a aumentar de uma forma continuada. Com o programa das parcerias público/privadas haverá a possibilidade de privados gerirem o sistema público. Este programa que se iniciou há vários anos atrasou-se um pouco. Nos estamos em vias de ter uma participação cada vez mais forte no sector dos privados e que terá uma tendência a crescer. Nitidamente nos últimos anos tem havido melhorias que se foram conseguindo com a criação de hospitais transformados em empresas privadas. Tudo isto contribuiu para a criação de novas formas de gestão que melhorou os seus serviços.

*Q. - Como encara as parcerias públicas/privadas?*

R. - Nós concorreremos às parcerias apenas associada a uma empresa de construção civil. Neste primeiro concurso nós estamos a frente e tudo indica que vamos ganhar. Nós gostaríamos de ter este primeiro projecto e depois logo se verá a sua evolução.

*Q. - O sector hospitalar é aquele que mais vai demorar para ser liberalizado. Qual a sua opinião sobre uma parceria ibérica?*

R. - Para nós a parceria ibérica tem duas componentes. Primeira consideramos que é um mercado ibérico e para nós seria interessante evoluir para esse mercado. Neste sentido o ano passado surgiu uma oportunidade que foram aqueles 10 hospitais da Cruz Vermelha em Espanha e aí associamo-nos com uma empresa sul-africana. A nossa ideia era associarmo-nos com outro grupo e tomarmos uma posição em Espanha. Desde que exista uma operação com alguma dimensão iremos provavelmente associados.

*Q. - As associações tem mais interesse com que tipo de empresas?*

R. - Na altura foi com uma empresa sul-africana, porque estávamos discutindo uma parceria de longo prazo. Nós iremos sempre para mercados exteriores com alguém que tenhamos uma associação de longo termo, não pensamos em ter associações pontuais para determinados projectos.

*Q. - Como encara o futuro das possibilidades ibéricas?*

R. - Para nós neste momento ainda está em Portugal, visto que ainda há uma grande capacidade de expansão. Nós gostaríamos de em Espanha ter alguma presença. Não prevemos para já ir concorrer às parcerias de público/privadas em Espanha. Parece-nos que tendo um programa bastante importante em Portugal não se justifica ir para Espanha. Se surgisse um conjunto de hospitais em Espanha com algum significado, aí sim porque nos permitiria estar no mercado espanhol associados com alguém que conheça o local e criar-se-ia uma posição para depois fazer uma evolução futura.

*Q. - Quais os planos estratégicos para o futuro?*

R. - Em Portugal na área privada completamos o projecto que temos e na área pública gostaríamos de ter um conjunto de hospitais que nos permitisse ganhar dimensão. Dentro do ir para fora de Portugal, admito que os mercados de alguns países africanos seriam bastante interessantes. Países onde Portugal teve uma presença forte e onde há uma cultura próxima e uma facilidade de língua com uma natural ligação.

*Q. - Qual a sua origem profissional?*

R. - Tenho uma origem de gestão e passei por vários ramos da indústria. Só cheguei aqui a estas áreas em 1998, até então a sal de para mim era uma área desconhecida.

*Q. - O que se está a passar com a economia portuguesa?*

R. - O problema que Portugal tem por um lado tem haver com a área política. Há uma grande instabilidade de duração dos governos. A cada mudança de governo há uma mudança excessiva em todas as áreas. Há uma enorme indefinição política nas várias áreas. Nós verificamos nos últimos anos na área da saúde que mesmo dentro de um governo basta mudar o ministro da saúde, muda a política da saúde. Exigindo esta sector programações de longo prazo é muito difícil trabalhar sem haver uma consistência. Os investimentos em saúde tem que se programar, realizar e só depois é que se obtêm resultados. Por outro lado o país tem deficiências estruturais muito grandes no aspecto de burocracias dos sistemas públicos. Não creio que sejam as leis laborais, a nossa lei laboral é meio rígida e fechada, mas trabalhar-se perfeitamente bem, nunca me senti limitado. Limitado sim é no resto das coisas, porque não sabemos para que lado vai evoluir e ter um conhecimento a médio/longo prazo. O processo das parcerias é um processo muito longo para se obter um primeiro contrato e com um investimento excessivamente pesado. Acho que o país em geral precisava de uma organização

da parte do estado e uma maior consistência por parte dos governos, para criar condições para que se pode trabalhar. Foi o que aconteceu em Espanha, houve maior estabilidade durante muitos anos seguidos.